

POÉTICA DO PROFESSOR-ARTISTA E A EDUCAÇÃO

Poetics of the teacher-artist and Education

Diego Ribeiro Gomes¹
Stela Maris Sanmartin²

Resumo: O artigo reflete o trabalho docente na Educação Básica de professores-artista, escola e produção artística utilizando o pensamento de Luigi Pareyson, ensaiando relações entre educação estética e formatividade no plano de trabalho e formação de professores e aproximações entre a docência e a poética.

Palavras-chave: Estetização da existência, arte e vida, arte contemporânea, poéticas artísticas.

Abstract: *The article reflects the teaching work in Basic Education of artist-teachers, school and artistic production using Luigi Pareyson's thinking, rehearsing relationships between aesthetic education and training in the work plan and teacher training and approximations between teaching and poetics.*

Keywords: *poetic; teacher-artist; education; creative process.*

1 Possui graduação em Arquivologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (2011) e Artes Visuais (2016). Atualmente é professor b - Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo e Mestrando - PPGA/UFES.

2 Stela Maris Sanmartin é graduada em Licenciatura em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas na FAAP (1989), Master em Criatividade Aplicada Total pela Universidade de Santiago de Compostela (1999), Mestre em Artes pela Unicamp (2004) e Doutora em Educação pela USP (2013). Docente do Programa de Pós-Graduação em Artes PPGA/UFES. Coordena o Grupo de Pesquisa em Criatividade, Educação e Arte GPCEAr /UFES.

Introdução

A experiência do trabalho na educação formal, conhecendo o ambiente e desafios propostos pelo currículo e administração escolar, provoca os primeiros enfrentamentos entre os conteúdos pretendidos pelo sistema escolar e o processo de ensino e aprendizagem na linguagem visual almejada pelo professor-artista que vive e busca sua poética no fazer e ensinar arte.

Na escola, onde o potencial pedagógico da arte é, por vezes, reduzido a negociações voltadas ao entretenimento ou dispositivo de acesso a emoções, é importante a compreensão de um currículo centrado na formação humana, poética, tendo no professor um mediador que desenvolva práticas coletivas e individuais de criação e reflexão sobre arte.

Um professor-artista capaz de buscar, em seu fazer de tentativas, acertos e erros, as respostas que enriqueçam suas práticas pedagógicas. A poética artística e os processos criativos de professores-artistas estão, diretamente, ligados a experiências no ensinar, da mesma forma que imagina sua obra, imagina seu programa de ensino, ambos atrelados aos conhecimentos e às tradições, das quais fazem parte e que é ressignificado por meio de práxis educativas criativas, levando em conta o insight e as inúmeras possibilidades que dele resultam.

Diante de uma realidade de lutas políticas por espaços e tempos na educação, como professores-artistas desenvolvem inter-relações entre o seu fazer artístico e a produção de conhecimento como educadores?

Neste artigo, buscamos uma reflexão, em Luigi Pareyson (1993), sobre a educação estética e a formatividade no plano de trabalho e formação de professores, aproximações entre a docência e as tentativas e erros do fazer artístico e do processo criativo.

Para Pareyson, a estética não se restringe apenas à contemplação da

beleza ou ao julgamento estético, mas sim ao processo formativo humano, que se dá por meio da criação e apreciação da arte. Através da arte, o ser humano é capaz de desenvolver sua sensibilidade, percepção e capacidade de expressão, o que é essencial para sua formação como ser humano.

Ao fundamentar a abordagem na pedagogia histórico-crítica, pretendemos estabelecer similaridades com o fazer artístico criativo, para destacar que o profissional que analisa criticamente o seu trabalho pedagógico pode seguir o movimento de sua pesquisa e os rastros de suas práticas para realizar os estudos necessários para compreendê-las.

O professor-artista

O professor, na sua prática pedagógica, dentro de esquemas tradicionais, reproduz modelos de ensino, sem espaço para criação artística e experimentações. Ou seja, sem a busca por uma reflexão capaz de colocar a criatividade à frente do processo de ensino, pesquisa e aprendizagem. A obra, o fazer arte, ainda é deslocado da realidade do aluno e, por consequência, das reflexões do corpo docente.

A efetiva inclusão e desenvolvimento das linguagens da arte, no currículo escolar, contribui para a formação do aluno, para o acesso e ressignificação do conhecimento e impede a fragmentação em seu repertório artístico. É a partir do contato e da experimentação de técnicas e materiais relacionados às diversas linguagens artísticas, que pensamentos e sentimentos ganharão materialidade, formas, nas diferentes linguagens artísticas. Cabe ao professor proporcionar e desenvolver, com os alunos, mecanismos e situações que os encaminhem à investigação e à criação.

A inclusão efetiva da arte no currículo da educação básica é dada por sua importância e parte que possui do patrimônio cultural da humanidade, e

uma das principais funções da escola é preservar esse patrimônio e dá-lo a conhecer (FERREIRA, 2009). As artes são produtos culturais que precisam ser reconhecidos e entendidos pelos alunos, pois, nos constituímos e nos compreendemos como sujeitos inseridos numa determinada cultura.

Os processos educativos formais e não-formais ocupam-se da assimilação dos saberes, habilidades técnicas, valores existentes no meio cultural. Há vínculos reais entre o ser que se educa e o meio natural e sociocultural do qual ele faz parte, e as gerações adultas cuidam de assegurar às gerações mais novas o acesso aos conhecimentos, experiências, modos de ação que a humanidade acumulou. (SANMARTIN, 2022, p. 43)

A pedagogia histórico-crítica é uma abordagem educacional desenvolvida pelo educador Dermeval Saviani, que se baseia na compreensão crítica da sociedade e da história. Ela busca superar a visão, então tradicional, da educação, que, pelo sistema capitalista, reproduz as desigualdades sociais existentes, propondo uma prática pedagógica que estimula o pensamento crítico/reflexivo e a transformação social.

Nessa perspectiva, os conteúdos escolares são relacionados e direcionados às condições concretas de vida dos alunos, estimulando a análise crítica da realidade e a formação de cidadãos conscientes e atuantes; compreender a escola e o trabalho do professor-artista, com uso de uma ancoragem e de uma abordagem teóricas da pedagogia histórico-crítica, se dá pela mediação, que aparece como central para o processo educativo.

Professores e alunos estão igualmente inseridos como agentes no método que parte da prática social, mesmo que em papéis distintos e definidos, que se enlaçam pela compreensão e condução de resoluções de problemas agenciados pela prática social (SAVIANI, 2015).

[...] cabendo aos momentos intermediários do método identificar as questões suscitadas pela prática social (problematização), dispor os instrumentos teóricos e práticos para a sua compreensão e solução (instrumentação) e viabilizar sua incorporação como elementos integrantes da própria vida dos alunos (catarse). (SAVIANI, 2015, p. 35)

Nas trocas entre professor e aluno, percebemos que estão em níveis diferentes de compreensão de mundo e conhecimento da realidade. Assim, o aluno, mesmo que carregue para a escola suas vivências e experiências, desenvolvidas nas trocas sociais, ainda necessita de que o professor trabalhe, previamente, conteúdos como ponto de partida (SAVIANI, 2012).

O papel do professor deve seguir o movimento de retornar de sua prática pedagógica para realizar os estudos necessários para compreendê-la.

Na verdade, sendo a educação uma modalidade da própria prática social, nunca se sai dela. Assim, os educandos permanecem na condição de agentes da prática que, pela mediação da educação, logram alterar a qualidade de sua prática tornando-a mais consistente, coerente e eficaz em relação ao objetivo de transformação da sociedade na luta contra a classe dominante que atua visando a perpetuação dessa forma social. (SAVIANI, 2015, p. 38).

Nessa relação entre professor, currículo e alunos, cabe ao professor compreender a sociedade na qual se insere a escola, dando aos alunos a conhecer através de sua disciplina novas culturas, métodos e processos que antes poderiam o serem negados, fornecendo a instrumentalização necessária para proposições de mudanças.

Conhecer implica, então, captar o movimento que nos permite entender como nasceu essa sociedade; de onde ela surgiu; como se encontra estruturada; quais as contradições que a movem definindo as tendências de seu

desenvolvimento e apontando para as possibilidades de sua transformação numa nova forma de ordem superior, que somente poderá ser instaurada pela ação efetiva, intencional e organizada das forças sociais que hoje se encontram subjugadas e, por isso, têm todo o interesse e buscam lutar para mudar as condições vigentes e instaurar outro tipo de sociedade em que as relações entre os homens encaminhem coletivamente o pleno desenvolvimento das forças produtivas humanas em benefício de toda a humanidade. (SAVIANI, 2015, p. 36).

No seu fazer para analisar o percurso do aprendizado do aluno, o professor reflete ao analisar a nova compreensão do conteúdo, a fim de determinar novas qualidades e aplicar novas metodologias, movimento que se assemelha aos processos criativos e artísticos. Isso dá, aos alunos, o acesso aos instrumentos que o levará a um momento catártico, com espaço para elaboração de diferentes aspectos que rearranjam a estrutura social, progressivamente cultivados na “[...] forma de superestrutura em sua consciência e incorporados como uma espécie de segunda natureza que conferirá uma nova qualidade à sua prática social” (SAVIANI, 2015, p. 36).

O processo criativo, nessa perspectiva, é valorizado como uma forma de explorar e compreender a realidade social, cultural e histórica em que alunos, professores e famílias estão inseridos. Para estimulá-lo e desenvolvê-lo, é necessário que a prática pedagógica esteja centrada no aluno, que a escola propicie um ambiente escolar acolhedor e estimulante, e que os alunos tenham a oportunidade de experimentar diferentes formas de expressão, nas diferentes linguagens artísticas, e criar significados a partir do conhecimento escolar.

Percebemos a importância de desenvolver maneiras de colocar o processo criativo como conteúdo, já que é elemento fundamental na formação de indivíduos críticos, reflexivos e capazes de atuar de forma transformadora na sociedade.

A criatividade é um território a ser desmistificado, explorado e desenvolvido sistematicamente. Não há criação sem conhecimento, da mesma forma que não há processo criativo para aqueles que cristalizam crenças, padrões de pensamento e atitudes. Assim, podemos dizer que criatividade se ensina, pois podemos dar a conhecer os elementos essenciais para o seu desenvolvimento e maximizar o potencial criativo individual por meio dos procedimentos e métodos que enriquecem os processos criativos e permitem chegar a um produto original. (SANMARTIN, 2022, p. 50)

O professor é o mediador, como um agente de transformação social, comprometido com uma prática pedagógica que valoriza a reflexão crítica sobre a realidade, a contextualização dos conteúdos escolares e a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem. Além disso, o professor é um pesquisador da prática, sempre em busca de aprimorar sua atuação em sala de aula, e valoriza a formação continuada como um processo constante e necessário para o desenvolvimento profissional. O professor-artista se insere nessa complexidade do sistema acadêmico, que permanece administrado pelos moldes cartesianos objetivos e, por outro lado, na complexidade do sistema artístico de seus pares.

Ao investigar a relação entre instituições de ensino superior e professores- artistas, Célia Maria de Castro Almeida (2009) observou que, mesmo diante de tantos impedimentos decorrentes do trabalho administrativo e exigências do ensino, os profissionais acreditam na instituição, creem que têm uma contribuição e papel na constituição de sujeitos críticos. A autora discorre, ao apresentar a visão e procedimentos metodológicos de artistas nas instituições e sua importância na modalidade de ensino, não pelo ato de ensinar a fazer arte, mas pelas especificidades da área de conhecimento, na qual a disciplina seria capaz de mudar e fazer refletir sobre olhares ao senso comum, capaz de nas mudanças produzir um sentido novo sobre o universo em que vive (ALMEIDA, 2009).

O artista e o fazer

O artista é alguém que busca expressar sua subjetividade de forma autêntica e livre, através da criação artística. A arte é um processo que envolve a tensão entre a subjetividade do artista e a objetividade presente no mundo, e a significação é um elemento fundamental desse processo. Essas ideias são importantes para compreender a visão da arte na Pedagogia Histórico-Crítica, que valoriza a expressão artística livre e autêntica, e a interpretação crítica das obras de arte.

Para Pareyson, a arte caracteriza-se em três concepções (fazer, exprimir, conhecer) e entende que a arte vai além de expressão de momentos e sentimentos, pois torna-se um veículo condutor de sua própria realidade, das operações humanas, enfim, um retrato daquele que a criou (PAREYSON, 1993).

A arte é, primeiramente, um "fazer", ou seja, exercida de modo específico e de forma intencional, "... mas um fazer tal que, ao fazer, ao mesmo tempo inventa o modo de fazer" (PAREYSON, 1993, p.59).

Formar, então, significa "fazer" e "saber fazer" ao mesmo tempo: fazer inventando ao mesmo tempo o modo em que no caso particular aquilo que se deve fazer se deixa fazer. Formar significa "conseguir fazer", noutras palavras, fazer de tal modo que sem se apelar a regras técnicas predispostas ou disponíveis se pode e deve afirmar que aquilo que se fez foi feito como deveria ser feito. (PAREYSON, 1993, p. 60)

No desenvolver da obra, o artista vai ao fundo de si, em uma transformação tamanha, que, ao se esforçar para dar forma ao insight e desenvolvê-lo, não lhe acrescentando uma atividade estranha, mas prolongando a mesma, no mesmo ato que busca e assume a lei individual de organização nele contida. Nesse ínterim, pode-se afirmar que mudanças acontecem no caminho da criação, não somente na obra,

mas naquele que a desenvolve, e embora o que seja esperado seja o resultado, percebemos a relevância no processo.

O artista e o insight se relacionam quando o processo criativo é conduzido pela intuição e pela compreensão da forma formante da obra de arte, que ele está criando. Assim, a forma é criada e modelada pelo processo criativo do artista, e o insight é o responsável pela intuição criativa que guia por todo o processo de criação.

E com efeito o artista sabe que a obra lhe sai bem quando o insight que ele trabalha está como que em semente, e o esboço que traça é como um embrião em desenvolvimento, e a peripécia de suas tentativas já gira em torno de uma lei de organização, e o resultado a que chega é o fruto de um amadurecimento. Do ponto de vista da obra, o aumento foi uma expansão e crescimento, em que a própria formação determinou e impôs as rejeições e opções. (PAREYSON, 1993, p. 78)

Ao produzir e criar, são sentidas as mudanças, no artista, que são vistas como parte integrante do processo criativo. À medida que o artista cria a obra de arte, ele também é transformado pela obra, em um diálogo constante entre o criador e a obra criada, modelo de fácil associação com a aula produzida pelo professor e consumida pelo aluno, na qual o processo dita o produto.

Em outras palavras, a arte é o processo pelo qual os humanos transformam a natureza e os resultados desse processo. Assim é produzida pelos humanos enquanto se autoproduz. Isso significa que, assim como não existe cultura e arte sem homem, não existe homem sem cultura e arte. A técnica é mediatizada na cultura por meio de instrumentos e conceitos e com esses elementos essenciais se multiplicam indefinidamente e assumem várias formas, o que frequentemente ofusca a perspectiva do estudioso, que tende a se concentrar na complexidade das manifestações culturais e artísticas, perdendo de vista a essência dessas manifestações. (SAVIANI, 2015)

Poéticas do professor artista

A área da educação é extremamente diversa; através da educação, contextualizamos nossa sociabilidade, nossas questões políticas, éticas, morais, enfim, tudo aquilo que se refere a existência humana-mundana, passa pela educação, seja no sentido lato ou estrito.

Ao trabalhar com as múltiplas linguagens da arte, o artista busca, no cotidiano, signos e formas que melhor expressem suas inquietações, verdades e vontades. Vygotsky (1999) disserta sobre a arte como introdutória da ação da paixão, capaz de romper nosso equilíbrio interno e modificar nossas vontades em movimentos para novos sentidos "(...) e revive para o sentimento aquelas emoções, paixões e vícios que sem ela teriam permanecido em estado indefinido e imóvel." (VYGOTSKY, 1999, p. 316).

Tecendo o pensamento de uma arte que não pertence apenas ao seu criador, que fala e transforma-se em referências sociais, que atingem não apenas aquele que as criou, mas a aspectos histórico/social. A experiência individual é moldada pelas estruturas sociais e culturais em que o indivíduo está inserido e, para Vygotsky, o desenvolvimento humano é influenciado pelo ambiente cultural em que o indivíduo vive, enquanto, para Pareyson (1993), a forma formante do indivíduo é influenciada por sua própria experiência e perspectiva cultural.

Ao abordarmos o processo artístico e o seu caráter criador e formador para professores de arte, alcançamos considerações significativas. Levando em conta o insight e suas inúmeras possibilidades de resultado a partir dele, a conversa entre estética e educação traz à luz o conceito formativo em arte como ferramenta essencial e indissociável do ser humano.

A oposição entre a falsa ideia de que a produção em arte é criativa e a ação docente não é tende a diminuir quando a

concepção que tivermos sobre educação se transformar. Na medida em que trabalharmos a docência em sua perspectiva criadora, veremos aproximados o fazer docente do fazer do artista [...] que aproxima o fazer do artista com o fazer docente é o processo criador implicado nas duas ações. Se o professor tem experiências importantes e carregadas de sentido com arte terá mais chance de que suas aulas despertem a vontade de aprender de seus alunos. Assim, as ações dos professores precisam ser também compreendidas como atos criativos, que mobilizam prática e reflexão. Considerando a distinção entre um trabalho e o outro, artistas e professores podem apresentar ao mundo novas maneiras de percebê-lo, tornar visível ideias em formas artísticas ou mesmo em novos projetos de vida e conhecimento. (SANMARTIN, 2022, p. 57)

Uma obra de arte sempre irá conter, em sua materialidade, uma poética, carregando, em si, um "ideal" de quem a criou e, por consequência, um "programa" de arte (PAREYSON, 1993) ligado às produções da cultura material e espiritual, pertencentes ao indivíduo e aos grupos em um determinado papel e momento histórico.

O professor, como sujeito histórico, em sua prática, cria sua obra, no seu fazer poético, em tensão com suas práticas pedagógicas, desenvolvendo sua poética nos agenciamentos suscitados pela prática social; Confirmando "que não se pode fazer arte nem ler arte sem uma 'ideia' da arte e do lugar que ocupa na vida espiritual, ou seja, sem uma 'poética'" (PAREYSON, 1993, p. 293).

O conceito de legitimidade de todas as poéticas conecta a consciência de si à historicidade das poéticas, configurando um grande avanço do pensamento filosófico (PAREYSON, 1993). Esse avanço abre, para o artista, um campo de pesquisa. Nesse campo, toda arte é um reflexo das muitas manifestações e ganha corpo no "(...) seu valor especulativo justamente no ato de chamá-la à concretude da experiência" (1993, p. 301).

Isso implica que do ponto de vista estético as poéticas devem ser "consideradas", todas, como igualmente legítimas. Existirão poéticas que prescrevem à arte a missão de "representar" a realidade, como nos programas de uma arte realista, naturalística, verística; outras para as quais a arte deve "transfigurar" a realidade, ou idealizando-a segundo um cânon de beleza, ou isolando e acentuando uma faceta característica, ou filtrando-a através de uma visão emotiva e passional; outras que convidam os artistas a "deformar" a realidade, decompondo-a nos elementos que parecem estruturá-la no íntimo ou refrangendo-a em uma interpretação violentamente polêmica; outras que exigem da arte a invenção de uma realidade inédita e nova, pintada em contraste com aquela atestada pela experiência, ou sem esse aceno polêmico a ela; outras que, esperando da arte a expressão de sentimentos, lhe recomendam espontaneidade ingênua e imediaticidade instintiva; outras que ao invés exigem do artista um consciente e sábio e calculado trabalho de construção, indo além de toda veia lírica ou apenas sentimental. (PAREYSON, 1993, p. 301)

De acordo com Pareyson, "(...) todos os aspectos da operosidade humana, desde os mais simples aos mais articulados, têm um caráter, não eliminável e essencial, de formatividade" (1993, p. 20). Assim, é possível afirmar que arte, na escola, não se destaca somente pelo "belo" ou "não belo", mas que será relevante para a educação formadora do indivíduo.

Assim, combate-se a visão de fazeres e teorias pedagógicas tradicionais sobre o fazer e a criatividade e se aproxima das teorias críticas do currículo, entre elas a histórico-crítica, aqui apresentada, que mostra, através do materialismo histórico-dialético, o entendimento da criatividade, do processo de criação, como qualidade humana, e que se origina no trabalho.

John Dewey é um dos mais lembrados quando falamos de abordagem em arte baseada na experiência. O autor desenvolve a ideia de uma vivência como experiência singular, onde seu fim determina configura a

sua consumação, onde se apresenta como autossuficiente, mas também individualizada.

Dewey a apresenta pelas situações sobre as quais entendemos como real experiência, seja por sua importância ou aparente insignificância, e aspectos que colocam em tensão o fazer, atividade, ato, ação e trabalho como elementos essenciais da mediação humana na relação entre produção e consumo na “[...] medida em que uma parte leva a outra e que uma parte dá continuidade ao que veio antes, cada uma ganha distinção em si. [...]” (DEWEY, 2010, p.111)

Por causa da fusão contínua, não há buracos, junções mecânicas nem centros mortos quanto temos uma experiência singular. Há pausas, lugares de repouso, mas eles pontuam e definem a qualidade do movimento. Resumem aquilo por que se passou e impedem a sua dissipação e sua evaporação displicente. (DEWEY, 2010, p.111).

A poética de professores-artistas está diretamente ligada a suas experiências no ensinar e no “ideal”, que sua obra imagina, de um “programa”, que está atrelado a conhecimentos acumulados e às tradições das quais faz parte. Nesse sentido, o ensino de arte não apenas pode ser uma ferramenta no desenvolvimento do educando, mas uma forte aliada para o professor conhecer e compreender a si e ao seu fazer artístico.

Levamos em conta as contribuições como ferramentas filosóficas na formação do professor-artista; contribuições para um olhar estético e humano que circunda o processo de criação e protagonismo na produção de arte.

Considerações finais

Por meio das questões apresentadas no costurar do pensamento de Pareyson com relação ao trabalho docente de professores-artistas, pode-se conduzir a reflexão sobre a escola, a área de pesquisa da educação e visualizar novas perspectivas daquele produto artístico. Assim, pode se estabelecer relações entre fazeres e saberes.

Entender e fomentar a pesquisa artística de professores auxilia no desenvolvimento de metodologias que abarque o fazer artístico como reflexivo na validação de métodos e técnicas em seu trabalho na educação. A pesquisa artística de professores pode levar à busca e à descoberta de novas metodologias que apontem para o fazer artístico, criativo e reflexivo, na validação de métodos e técnicas em arte e em seu trabalho na educação.

Como podemos observar, a problemática emerge na práxis porque se apresenta em relações que nos distancia da nossa atividade, como em relações de compartilhamento de experiências coletivas e na significação do ato criador. Além disso, essa pesquisa nos aproxima das teorias críticas do currículo, entre elas, a histórico-crítica, que mostra, através do materialismo histórico-dialético, o entendimento da criatividade como qualidade humana, que se origina no trabalho.

Referências

- ALMEIDA, Célia Maria de Castro. **Ser artista, ser professor: razões e paixões do** ofício. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.
- DEWEY, J. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2010.
- FERREIRA, Sueli. **O Ensino das artes: construindo caminhos**. 3ª ed. Campinas/SP: Papyrus, 2009.
- PAREYSON, Luigi. **Estética: teoria da formatividade**. Petrópolis: Vozes, 1993.

SANMARTIN, Stela Maris. **Práxis criadora: arte no espaço educativo** (e-book), EDUFES, 2022.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. 42. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

_____. O conceito dialético de mediação na pedagogia histórico-crítica em intermediação com a psicologia histórico-cultural. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 7, n. 1, p. 26-43, 2015.

VYGOTSKY, L. S.. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Recebido em: 11 de maio de 2023.

Publicado em: 09 de agosto de 2023.